

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1976

UMA ÁRULA A BANDUAETOBRICUS

1. No dia 31 de Janeiro do ano corrente, acompanhados da Dr.^a Maria Helena Homem, deslocámo-nos ao Museu Municipal de Hipólito Cabaço, em Alenquer, a convite dos seus beneméritos reorganizadores, os Senhores João José Fernandes Gomes e Padre José Eduardo Ferreira Martins, que, com alguns jovens entusiastas, tanto têm feito, sem alardes nos chamados órgãos de comunicação social, pela cultura naquele concelho.

2. O nosso objectivo era apreciar o trabalho museológico efectuado, observar as colecções já expostas e outros materiais, e, especialmente, estudar inscrições lusitano-romanas, algumas das quais — fora-nos dito — se encontravam inéditas (1).

3. A colecção lapidar daquela época existente no Museu é ainda pequena, mas não destituída de interesse. Dela sobressaem uma grande estela e a árula com siglas que tivemos ocasião de estudar no n.º VIII dos nossos *Varia epigraphica*(2), quando ainda se encontrava na quinta do Bravo, nas cercanias da vila.

4. Novos materiais epigráficos: um fragmento de uma inscrição funerária de que restam apenas pequenos troços das três linhas do início, na primeira das quais se lê D (*D M* ou *D M S*), na segunda CAS, que deve ser o *nomen gentile* ou o *cognomen* (mais provavelmente aquele) do morto, e na terceira o que presumimos ser os restos de um número, plausivamente a idade com

(1) Pudemos ainda ver, gravada numa telha de invulgar dimensão, proveniente do Convento de S. Francisco, uma inscrição latina medieval, que nos parece dever situar-se nos finais do séc. xn e interpretar-se desta forma: Nu(«)c te(m)p(or)i b(ws) facta sum.

(2) Cf. «Revista de Guimarães», vol. LXXVI (1966).

que o indivíduo faleceu, e a parte inferior de uma letra; e uma árula que, por várias razões, bem merece a nossa atenção.

5. O monumento apresenta-se com muitos veios e mossas, e, até, com uma fractura que destruiu parte da aresta vertical do lado direito da face anterior e atingiu o próprio texto. A leitura deste é, por isso, extremamente difícil, particularmente nas linhas 1, 2 e 5 (a última).

No entanto, foi-nos possível concluir que se trata de monumento dedicado a uma divindade, com inscrição redigida em moldes não raros: ao princípio, o nome do dedicante (ou dedicantes) e talvez a sua filiação, seguindo-se o hierónimo e, por último, a fórmula *V S* ou equivalente.

5.1. Das primeiras duas linhas apenas pudemos distinguir

TE NVIGI
OMMIA

o que não nos permite uma restituição ou, melhor, uma restituição suficientemente satisfatória.

5.2. Nas 3.^a e 4.^a linhas, lemos

BANDVA
HORRICO

Pondo de lado a linha 3, cuja lição não apresenta dificuldades, salvo no que se refere ao segundo *A* que mal se adivinha, é a 4 que merece observações mais amplas: à primeira vista, parece iniciar-se por um *H* e ter como terceira letra um *R*. Contudo, é inteiramente aceitável admitir-se que o que parece o *H* nada mais seja do que os restos de um *E* e dum γ aos quais faltem os traços

horizontais. Por outro lado, o que se nos afigurou um *R* pode muito bem ser um *B*, cuja parte inferior tenha sido eliminada por uma pancada.

Não hesitamos em reconstituir as duas linhas em apreço da forma seguinte:

BANDVA
ETOBTRICO

dativo do hierónimo *Banduaetobricus*, já documentado — e até talvez sob a mesma forma — por um texto epigráfico de Ginzo de Limia (*Ciuitas Limicorum*), no Sul da Galiza (3).

5.3. Na 5.^a e última linha, apenas é bem visível um *V*, elemento contudo suficiente para se presumir a existência de fórmula como *W(otum) S(oluit)*, *Y(otum) S(oluit)* *L(ibens) A(nimo)* ou similar.

O estado da face da árula nesta zona não nos permite adiantar mais.

5.4. Desconhece-se a proveniência do monumento em estudo. É de admitir que Hipólito Cabaço a tenha obtido do Norte do País, portanto de área não muito distante da raia luso-galega.

Aceitando, porém, que ela é originária da região de Alenquer, duas hipóteses são de propor: ou a área do culto desta divindade céltica era muito mais vasta do que se poderia pensar, consi-

(3) Cf. *CIL*, II, 2515. BARROS SIBELO leu *Baudueaeiobricus* (BAVDVEAEIOBRICO) que HÜBNER corrigiu, com reserva, para *Bandueaetobrigus* («dei nomen fortasse fuit *Bandueaetobrigus...*»), registando-o, todavia, no índice daquele volume do *CIL* sob a forma *Bandueaetobricus* (no índice do *Supplementum* ao mesmo volume, volta, porém, a usar a primeira).

IHM, in PAULY-WISSOWA, *R.-E.C.A.*, IV (1896), col. 2846, s.u., aventura a forma *Banduaetobricus* como «*zweifelhafter* Name eines iberischen Gottes auf der Inschrift GIL II 2515 (gefunden in der *Ciuitas Limicorum*, Hisp. Tarracon.)». (sublinhado nosso).

LEITE DE VASCONCELOS, in *Religiões*, II (1905), p. 338, 341 e 371, refere-se à divindade designando-a quer por *Bandueaetobrigus* quer por *Banduaetobrigus*, sem tomar posição.

derando a exiguidade das zonas culturais de outras divindades de idêntica grandeza — o que não se pode concluir pelo conhecimento de um único testemunho —, ou tratar-se-ia de monumento erguido por pessoa da Galécia que tivesse vindo habitar as cercanias do baixo Tejo. Destas duas hipóteses optamos pela segunda.

Mas, provenha a árula donde provier, não há dúvida de que ela tem importância notável, pois, não só apoia a forma aventurada por Ihm para o hierónimo de Ginzo de Limia, como também — e sobretudo — torna muito admissível a existência, em território hoje português, do culto de *Banduaetobricus* ⁽⁴⁾, de que a árula de Alenquer seria o único documento conhecido, até hoje.

F. BANDEIRA FERREIRA

J. MENDES DE ALMEIDA

ADDITAMENTUM

Com o presente monumento ⁽⁵⁾ totalizará 28 o número de inscrições encontradas no Ocidente peninsular (ver mapa junto) dedicadas a uma divindade indígena cujo nome assenta num «radical» *band-* e cuja desinência do dativo nos surge em *-i*, em *-e (-ei)* e em *-ue*. O teónimo *Bandoge* que parece ler-se na ara do Castro do Mau Vizinho (S. Pedro do Sul) também se costuma incluir neste número — embora lingüísticamente não haja explicação plausível para esta variante ^(?)⁽⁶⁾. *¹

⁽⁴⁾ Afigura-se pouco provável que a árula tenha sido trazida de Espanha.

⁽⁵⁾ A árula apresenta base, fuste e capitel encimado por dois toros que ladeiam o *foculus*. Trabalhada nas quatro faces, mede 32 x 16,5 x 13 cm. Campo epigráfico: 12,5 x 14. Altura das letras: 2. Espaços interlineares: 1 a 5: 0,5; 6: 1,5 cm.

⁽⁶⁾ VICENZO Cocco publicou na «Revista Portuguesa de Filologia», VIII, 1957, p. 1-38, o trabalho *Flumen Banduge — Contributo alio Studio delV Ambiente Linguístico Prelatino delia Lusitania*, onde, a propósito do rio Banduge, afluente do Corgo, tece considerações acerca do radical *Band-*,

O nome da divindade aqui referida aparece normalmente seguido de um ou mais epítetos. Em todos os monumentos que estudámos é visível a distinção entre o primeiro elemento e os restantes: ou porque ocupam linhas diferentes (como no caso presente) ou, então, porque existe nítido ponto de separação entre um e outro quando os elementos estão na mesma linha. Mesmo na epígrafe a *Bandi Vortaeceo* (7), onde supuséramos a inexistência de *puncti distinguentes* (8), pudemos verificar, através de fotografia, que os pontos realmente existem. Este aspecto reveste-se, quanto a nós, da maior importância pois confirma graficamente a existência de um elemento-base, comum, e de elementos variáveis.

Variáveis porquê?

Como já o demonstrámos (9), o epíteto varia de região para região. Assim, as duas inscrições de Vila da Feira bem como as duas de Bemposta mencionam o mesmo epíteto. Epíteto que poderá ser formado a partir dum etnónimo — *Bandue Calaico* seria disso exemplo, se a leitura não fosse tão duvidosa — ou a partir de topónimos. D. Fernando de Almeida (10) opta pela formação a partir de topónimos. Maria Lurdes Albertos, na sequência de impressões amiúde trocadas conosco (u), concorda na atribuição dum carácter etnonímico aos epítetos desta e doutras

atribuindo-lhe o valor genérico de água. A argumentação de V. Coceo seria aceitável se a leitura *Bandoge* fosse segura e se o carácter aquático da divindade fosse confirmado pelo contexto arqueológico: a proximidade (relativa) das termas de S. Pedro do Sul não é argumento, porquanto nas próprias termas foram encontrados vestígios do culto às águas e a Mercúrio — e nenhuma inscrição a *Bandoge*.

(7) Preferimos indicar os teónimos no caso em que surgem nas inscrições (normalmente o dativo).

(8) Ver *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal* (= D IP), Lisboa, 1975, p. 138.

(9) *Banda, uma Importante Divindade Indígena*, «Conimbriga» XII, 1973, p. 199-214.

(10) *Mais Divindades Lusitanas do Grupo Band*, «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa» (= RFL) III série, 9, 1965, p. 15 (da separata).

(u) *Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua*, *Studia Archaeologica* 37, Valladolid 1975, p. 49-55 (sobretudo p. 50).

divindades semelhantes — *Cosus, Nabia, Arentius, /iepa*, por exemplo — considerando-os relacionados com *gentilitates* indígenas. No entanto, o estudo linguístico desses epítetos está longo de chegar ao fim.

Nesse contexto, o monumento de Alenquer tem interesse porque o epíteto ETOBRICO é de facto relacionável com o AETOBTRICO da ara de Orense. A leitura de Hübner não é, contudo, muito convincente: BA/VDVE E/IOBRICO. Ele próprio afirma: «Dei nomen fortasse fuit *Bandueaetobrigus*», talvez o teónimo seja *Bandueaetobrigus*, e manda confrontar a inscrição 2387, a *Bande Raeico*. Curioso verificar que também na árula de Alenquer há IOBRICO, embora o hierónimo se apresente aqui com grafia ligeiramente diferente: BANDVA / ETOBRICO. Teríamos, portanto, dois monumentos, encontrados em lugares distintos, mencionando o mesmo epíteto. Tal não invalida a enunciada hipótese, porque, até agora, nos monumentos encontrados no mesmo local a divindade apresenta idêntico epíteto ⁽¹²⁾. O argumento seria abalado se no mesmo local aparecessem epítetos diferentes — o que não é o caso. Aliás, já o acentuámos, é desconhecido o local de achamento da árula de Alenquer; como desconhecemos também, infelizmente, o nome do dedicante — o que nos impossibilita qualquer análise antroponímica.

Apesar de todas as dificuldades de leitura, aliás comuns a muitos monumentos em honra desta divindade (dalguns até desconhecemos a sua exacta proveniência), a árula de Alenquer assume, pois, no contexto da epigrafia da Península, uma importância relevante.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁽¹²⁾ MARIA LOURDES ALBERTOS comunicou-nos, por carta, a existência das três inscrições de Trujillo dedicadas a BANDVE ROVDEAECO (ver mapa, n.º 23), divindade possivelmente relacionada com os VICANI ROVD (...) que surgem numa inscrição da área. Em dois dos monumentos o hierónimo apresenta-se com clareza; no terceiro, a sua reconstituição é provável, com base nas informações dadas por Miguel Beltrán na revista *Caes ar augusta* de 1975. A propósito da árula de Alenquer, L. Albertos manifestou-nos, apesar de tudo, as suas reservas quanto à identificação com o epíteto da ara de Sarreaus.

LEGENDA DO MAPA

- 1 — BANDEI BRIALEACVI — Orjais, Covilhã — DIP 125-126
- 2 — BANDE RAE ICO — Ribeira da Pena, Vila Real — DIP 126-128, CIL II 2387 —perdida
- 3 — BANDE VELVGO TOIRAECO = DEO TVE RAE O — Vila da Feira — DIP 128-129, 291-292
- 4 — BANDI ARBARIAICO — Capinha, Fundão — DIP 129-131, CIL II 454 —perdida
- 5 — BANDI ISIBRAIEGVI — Bemposta, Penamacor — DIP 131-132
- 6 — BANDI (...) — Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova—DIP 131
- 7 — BANDI OILIANAICO — Esmolfe, Penalva do Castelo — DIP 132-134
- 8 — BANDI TATIBEAICVI — Queiriz, Fornos de Algodres — DIP 134-137
- 9 — BANDI VORTEAECEO — Salgueiro, Fundão —DIP 137-138
- 10 — BANDOGE (?) — Castro do Mau Vizinho, S. Pedro do Sul — DIP 138-139
- 11 — BANDVE — Cova da Lua, Bragança — DIP 139-140 — perdida
- 12 — BANDIAE APOLOSEGO (?) — Norba, Cáceres —CIL II 740
- 13 — BAN(DI?) VORP(...)ICIO (?) — Malpartida de Plasencia, Cáceres — CIL II 855
- 14 — BANDVA LANSBRIGAE (ou BANDVA AIA NOELICA AENIRVSAE ?) — Eiras, S. Amaro (Orense) — *Inscripciones Romanas de Galicia* (= IRG) IV 89

- 15 — BANDV NIRVBRICO (?) — Arculelos, Retorta-Laza (Orense) — IRG IV 84
- 16 — BANDVE VEIGEBREAECO — Rairiz de Veiga, Orense — IRG IV 85
- 17 — BANDVE AETOBTRIGO — Sarreaus, Orense — CIL II 2515
- 18 — BANDVE CALAICO — Mixós, Verín, Orense — IRG IV 88
- 19 — BANDVSO OLECCO (??) — Palas de Rey (Lugo) — IRG II 20
- 20 — BAND. ARAVGEL (ensi) ? — Cáceres — «Revista de Guimarães» 69, 1959, 453
- 21 — BAND VA (...) — Ciudad Rodrigo, Salamanca—IRG II 40
- 22 — BANDVE ITVICIESI — Sonseca, Toledo — *Religiones Primitivas de Hispania*, 58
- 23 — BANDVE ROVDEAEO — Madroñera y Trujillo, Cáceres — *Cesaraugusta* 1975
- 24 — BANDVA ETOBRICO — Alenquer — inédita.
- 25 — [BANDI] VOR[TE]AECIO — S. Martinho, Castelo Branco — encontrada recentemente, é motivo de urna nota nesta mesma revista.



Fig. 1 — A árula a Banduaetobricus

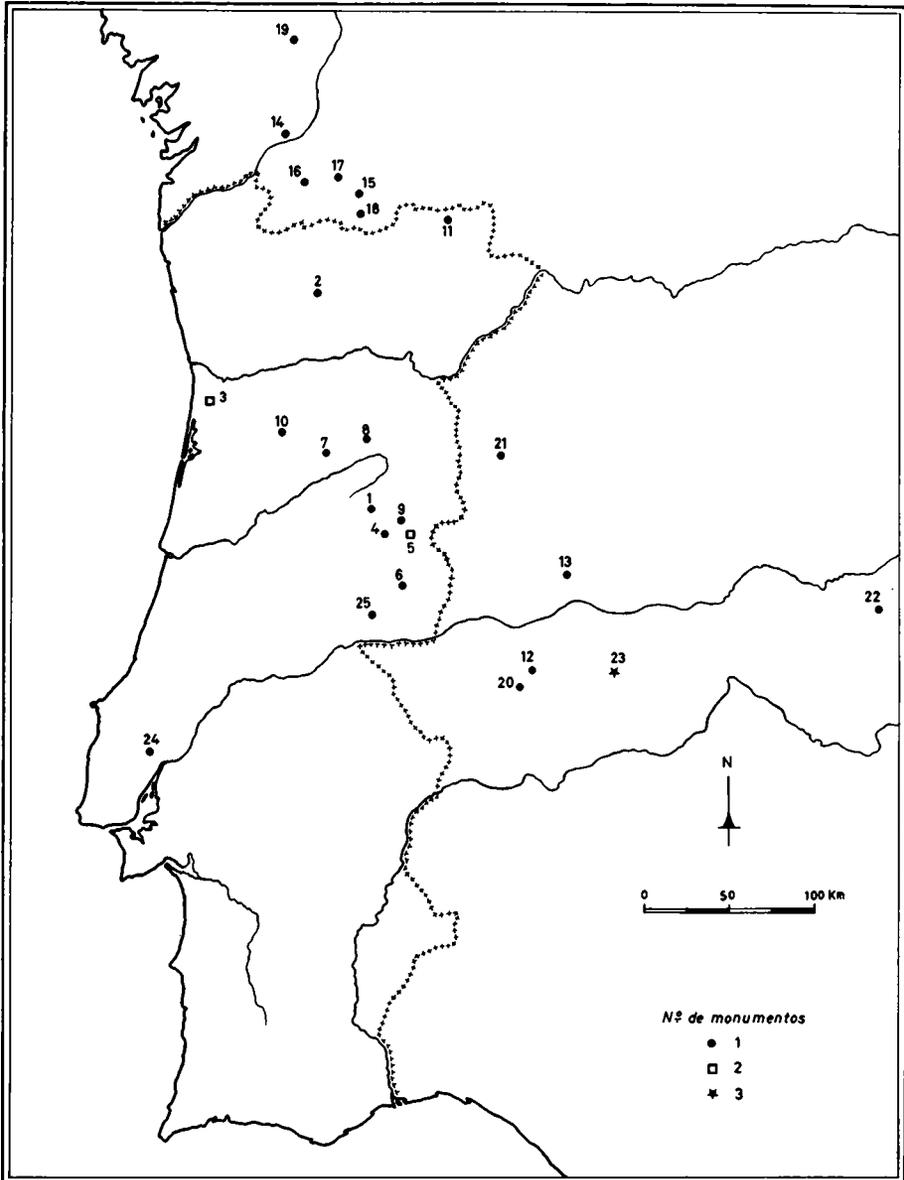


Fig. 2 — Mapa de distribuição referido na pág. 142